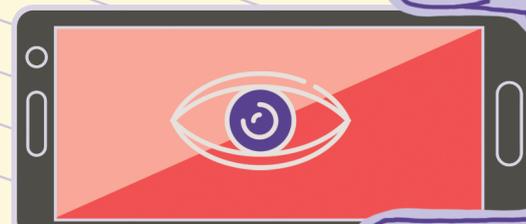
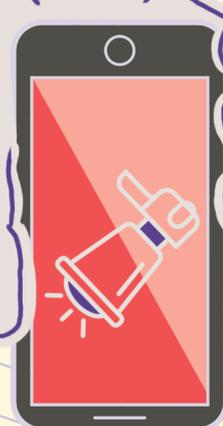
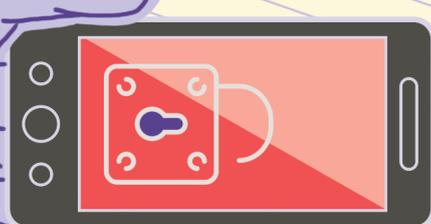


**DIÁLOGOS
FEMINISTAS**

**ATIVISMO
NA
INTERNET**



**E COLETIVOS
ONLINE**



**NO ATUAL
CONTEXTO
POLÍTICO**

SUMÁRIO

Apresentação	03
Ativismo (trans)feminista na internet em tempos de extrema direita	04
<i>Hailey Kaas</i>	
Redes sociais e potencial de transformação	06
<i>Bruna Rangel</i>	
Partilhando experiências de militância feminista na internet	07
<i>Laura Molinari</i>	
Militância feminista dentro e fora das redes	09
<i>Bárbara Lopes</i>	
Misóginos não vão nos silenciar	11
<i>Lola Aronovich</i>	
Se encontrar para contar nossa história	13
<i>Charô Nunes</i>	
Diálogo coletivo	15
Outras leituras	26

APRESENTAÇÃO

* * *

Vivemos um momento difícil na política brasileira. Com isso, alguns grupos são mais atingidos que outros. Os direitos das mulheres, das pessoas negras, das pessoas LGBTI, daquelas que moram nas periferias e áreas rurais, entre tantos outros, ficam cada vez mais fragilizados.

A internet tem sido um lugar de muitas disputas políticas. Um exemplo são as *Fake News* que ocorreram com mais força nas eleições de 2018. Com tantas disputas, *Fake News* e desinformação estimulada na internet, faz-se necessário pensar em como fazer política feminista na internet e para tanto, é necessário refletir sobre esse espaço e sobre possíveis estratégias coletivas. Como debater feminismo nesse contexto que ainda estamos aprendendo a lidar e a nomear?

O feminismo *online* não acontece só virtualmente. É possível também articular passeatas e movimentos que chamam centenas de mulheres, como já vimos acontecer em outros momentos. As campanhas e *hashtags* pensadas por feministas e coletivos

feministas também são estratégias importantes para nossa política. Tanto as *hashtags* e campanhas, quanto o chamamento para articulações presenciais são importantes para falar sobre o feminismo e também para que mais pessoas se informem sobre o movimento.

Para contribuir nessa reflexão, convidamos feministas e coletivos feministas que atuam virtualmente para compartilharem suas experiências e reflexões na terceira edição do ciclo de debates “diálogos feministas”, organizado pela FES em parceria com o SOS Corpo e realizado em junho de 2019. As páginas a seguir buscaram sistematizar essa rica troca de experiência e o profícuo diálogo realizado. Esperamos que possam suscitar novas reflexões e, principalmente, novas ações feministas nas redes e fora delas também.

Boa leitura!

ATIVISMO (TRANS)FEMINISTA NA INTERNET EM TEMPOS DE EXTREMA DIREITA

* * *

Hailey Kaas • *Transfeminismo*

Primeiro, eu gostaria de apresentar o *blog*. Nós atuamos pela internet. Não temos a pretensão de ser um grande coletivo, temos uma atuação pontual, que se dá através da produção de textos. Temos feito o esforço de fortalecer o transfeminismo e provavelmente uma das nossas contribuições mais importantes foi a disseminação do termo “cisgênero” no Brasil. Nós fazemos uma ponte entre a militância trans e a militância feminista. Acredito que temos sido bem-sucedidas nesse sentido. O fato de hoje eu estar aqui e ser a única pessoa trans nessa mesa revela que nós temos conseguido interlocução dentro do feminismo e dentro da esquerda tradicional, que não tinha o hábito de discutir as questões relativas à vida das mulheres trans.

Nos últimos anos, o *blog* tem sido um espaço de disputa muito positivo. Nós temos discutido as questões das mulheres trans e as questões feministas de forma inseparável. O espantinho da ideologia de gênero, por exemplo, persegue as mulheres cis e as mulheres trans. São ataques às nossas liberdades. Eu não entro na discussão sobre se gênero ou sexualidade são escolhas ou não, porque eu acho que essa discussão é irrelevante. O fato é que a gente precisa ter liberdade e ponto. Essa é uma questão que afeta a vida de todas as mulheres.

Nós vimos, nas últimas eleições, um boom de candidaturas de mulheres trans e travestis, com votações muito expressivas. Aqui em São Paulo tivemos as eleições de duas travestis periféricas, Erica Malunguinho e Erika Hilton, integrante da bancada ativista¹. Estamos num momento de muito acirramento e em que as contradições estão evidentes. Ao mesmo tempo em que nós temos

um presidente misógino, temos também muita resistência feminista.

Eu acho que as mulheres têm sido a vanguarda da luta política. Nos últimos anos, nós temos visto manifestações muito fortes no 8 de março. Tivemos também uma atuação muito importante no período eleitoral, com o #EleNão. No último ato pela educação, no dia 30 de abril, a atuação do movimento LGBT e das mulheres continuou muito forte. As lutas identitárias e das mulheres têm se articulado com muita força e tem conseguido muitas vitórias. Eu acho que isso se dá pelos frutos que nós plantamos no passado. Os esforços dos movimentos feministas, partidários ou não, que conseguiram conscientizar sobre a importância de discutir e lutar pelas questões que afetam as vidas das mulheres.

Podemos pensar no caso recente envolvendo Neymar como exemplo. Nas redes sociais, muitas pessoas têm demonstrado apoio ao jogador, mas a quantidade de críticas que ele tem recebido também é grande. Considerando que se trata de um cara que tem todo o aparato da mídia, essas críticas são muito significativas. Isso é fruto do acúmulo de discussões que temos feito sobre cultura do estupro e a violência contra as mulheres. A própria mídia burguesa tem percebido que não é mais possível sustentar narrativas condescendentes com a violência contra as mulheres da forma como ela vinha fazendo historicamente.

Entrando na questão das redes sociais, eu acho que é importante dizer que, embora nós usemos esses meios para divulgar nossas coisas, é importante ter em mente que as redes sociais têm donos. E os seus interesses não são os mesmos que os nossos. Eles têm interesses de classe muito demarcados. Quando pensamos em combater *fake news*, por exemplo, nós temos que lembrar que as redes sociais têm donos.

¹ A Bancada Ativista é um mandato coletivo da Assembleia Legislativa de São Paulo, que reúne nove ativistas de diversas causas e territórios: Mônica Seixas, Anne Rammi, Chirley Pankará, Erika Hilton, Paula Aparecida, Jesus dos Santos, Fernando Ferrari, Claudia Visoni e Raquel Marques.

Acho que uma forma de tentarmos contornar isso é, na verdade, tentar não disputar as narrativas unicamente nas redes sociais. Por mais contraditório que pareça, porque a gente está aqui falando de militância na internet, acho que precisamos voltar a fazer a disputa e o diálogo cara a cara. Não estou dizendo que a internet não é importante, mas acredito que essa militância não vai ser suficiente. As ferramentas da internet têm claras limitações para nós, porque não somos nós quem as controlamos. Para sermos denunciadas, é rápido. Por isso, eu acho que nós precisamos fazer um trabalho complementar ao nosso trabalho na internet e à produção de textos.

Precisamos voltar para o físico, onde a gente consiga fazer um debate mais qualificado. Eu tenho a impressão que as redes sociais empobreceram o debate. Existe uma exigência de que se dê respostas rápidas. Com isso, a gente não tem conseguido refletir sobre as coisas. Essa pressão gera uma puta ansiedade. E nós precisamos de tempo de reflexão. Muitas vezes a gente se propõe a entrar nesse tempo de responder rapidamente e isso acaba gerando muitos ruídos. Muitas das nossas tretas vêm daí também. Então talvez esse seja um momento em que a gente precise fazer o diálogo na internet, mas também em outros espaços.



REDES SOCIAIS E POTENCIAL DE TRANSFORMAÇÃO

* * *

Bruna Rangel • Não me Kahlo

A Não me Kahlo é um coletivo feminista que virou ONG. A gente nasceu da internet. Começamos despretensiosamente como um grupo de debates no Facebook, quando ainda era possível debater no Facebook. Há sete anos, quando começamos, as redes sociais não eram como são hoje. A gente conseguia conversar. Não éramos um grupo grande, então o diálogo era possível. Depois fizemos o site com textos colaborativos. A nossa proposta sempre foi ser um site colaborativo. No ano passado fizemos uma campanha para arrecadar fundos e começar uma ONG. Desde então, a gente vem desenvolvendo ações feministas *online* e *offline*. Além da atuação na internet, fazemos também palestras e ações informativas nas escolas e em outros espaços. As nossas atividades sempre são em torno da difusão da informação.

Eu sempre fui muito entusiasta da internet. De um tempo pra cá, tenho percebido um declínio do potencial das redes sociais. Mas, ainda assim, continuo entusiasta, porque acredito no poder dessa ferramenta. E acho que a gente precisa saber lidar com ela. A maneira como a gente usa o Facebook não é igual à que a gente usa o Twitter ou o Instagram. Assim como uma ação na internet não vai ser a mesma coisa de uma ação presencial. O alcance que a gente tem quando usa as redes sociais é completamente diferente de quando a gente faz uma ação cara a cara. A gente nunca conseguiria atingir 20 mil pessoas no cara a cara, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, a mensagem também não vai ser tão aprofundada na internet. Então a questão é: como pensar uma comunicação que transmita o que a gente quer falar, que chegue nas pessoas e que as

pessoas entendam? Ninguém vai ler um texto de vinte páginas no Facebook. Mas como fazer com que as pessoas se interessem pela mensagem, para que isso leve elas a buscarem um texto de vinte páginas? Porque, realmente, nas redes sociais, as mensagens são mais rápidas e nunca vão ser aprofundadas.

Temos uma geração de meninas que entraram em contato com o feminismo na internet e elas conseguem fazer coisas muito além da internet. Qualquer pessoa que trabalha com jovens e em escolas percebe que elas têm muito mais informações do que nós tínhamos quando tínhamos a idade delas. Isso tem um poder de transformação grande.

Em relação ao problema das *fake news*, eu acho que tem uma coisa muito prática, que é o financiamento. Todo mundo que tem uma proposta diferente do que o que está aí não tem recursos para disputar com essa engrenagem. A gente faz as coisas, escreve voluntariamente, cria articulações, mas a gente não tem dinheiro. Isso é uma limitação clara. Tanto de tempo como de alcance. Eu fico na dúvida se a gente consegue competir com as *fake news* e com o antifeminismo nas redes sociais, por causa dessa questão do financiamento. O que Hailey falou sobre sair das redes sociais e continuar o diálogo no cara a cara é a uma possibilidade que temos de competir neste cenário.

São muitas as nossas dificuldades mas, ao mesmo tempo, eu também percebo os avanços. Apesar de tudo, eu tento me manter otimista. Porque eu ainda vejo as redes sociais como uma ferramenta necessária.



PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE MILITÂNCIA FEMINISTA NA INTERNET

* * *

Laura Molinari • Fórum Ingriane e Campanha Nem Presa Nem Morta por Aborto

Vou falar um pouco de três experiências recentes de militância feminista na internet das quais participei: a Beta, o Fórum Ingriane e a Campanha Nem Presa Nem Morta por aborto.

A BETA

A Beta foi criada pelo Nossas¹. Ela surgiu em 2017, num contexto em que várias pautas antifeministas começaram a avançar no Congresso. Ao mesmo tempo em que essas ofensivas avançavam, o feminismo estava bombando. Em 2015, tivemos a Primavera Feminista e, em 2017, a Anis – Instituto de Bioética e o PSOL protocolaram uma ADPF (Arguição por Descumprimento de Preceito Fundamental) questionando a criminalização do aborto pelo Código Penal². Naquele momento, tinha muita coisa acontecendo, e nós queríamos desenvolver alguma ferramenta que juntasse as pessoas que estavam (e estão) interessadas em mobilização feminista com o que estava (e está) sendo discutido no legislativo.

Nessa mesma época estavam surgindo os robôs do Facebook, os bots. Então pensamos: por que a gente não usa essa tecnologia para disparar informações sobre ações feministas? A Beta funciona da seguinte forma. Uma vez que você conversa com

ela, você entra na base de usuários da Beta. E, a partir daí, sempre que tem alguma votação acontecendo no Legislativo, ela informa a todas as pessoas que estão na sua rede para que elas possam se engajar em campanhas de mobilização.

Por que a gente fez a Beta? Porque ela é assim? Porque ela fala assim? A gente mapeou um público jovem feminista, que se interessa em ir a manifestações e busca informações feministas na internet. Queríamos algo que interessasse a esse público e que tivesse o timing e a maneira de falar da internet. Então a gente criou um tom de voz para a Beta, que é um tom de voz LGBT do Facebook. A gente criou um mapa astral para a Beta, porque a astrologia também é uma coisa muito presente nas redes. O nosso intuito não era furar a bolha, mas desenvolver uma ferramenta que contribuísse para potencializar a mobilização entre as pessoas que já se interessam pelo feminismo.

Para que isso fosse possível, a gente fez um diálogo longo com os movimentos feministas organizados. A gente entendeu que essa articulação com os movimentos feministas, que é quem realmente está à frente das discussões políticas, era fundamental para a Beta fazer sentido e para pensarmos como poderíamos utilizar a Beta. Não adiantava lançar uma campanha se o movimento entendesse que era melhor não lançar. Esse diálogo foi fundamental para que a Beta fosse realmente uma ferramenta integrada ao movimento.

FÓRUM INGRIANE

O Fórum Ingriane foi criado por feministas de diversos espaços e algumas mulheres autônomas, não organizadas. Ele também é uma ferramenta de articulação *online*. Assim como no caso da Beta, o nosso objetivo também não é furar a bolha. O Fórum

¹ A Nossas é uma organização sem fins lucrativos que atua no campo da política, articulando cidadãos em redes de atuação, compartilhando metodologia, tecnologia e oportunidades de ação. (Informação disponível em: www.nossas.org)

² A ADPF apresentada pelo PSOL e pela Anis teve como objetivo que o STF considerasse inconstitucionais dois artigos do Código Penal, números 124 e 126, garantindo assim que mulheres que façam a interrupção da gravidez até a sua 12ª semana não sejam consideradas criminosas. A leitura proposta pela ação é de que direitos fundamentais das mulheres, como o acesso à liberdade, à dignidade, ao planejamento familiar e à cidadania, estão sendo obstruídos pela atual regra do Código Penal, que foi escrito em 1940, ou seja, muito anterior à própria Constituição Federal, aprovada em 1988. Assim, a ADPF pede que o Supremo “atualize” o texto para o que consta na Constituição Federal. (Informação disponível em: <http://psol50.org.br/entenda-a-acao-do-psol-pela-descriminalizacao-do-aborto/>)

foi pensado para ser um espaço seguro para falar sobre justiça reprodutiva e aborto. Essa é uma pauta que mobiliza muitas mulheres. Muitas mulheres estão articuladas dentro e fora da lei e essas mulheres acabam se expondo na internet. O Fórum Ingriane é um espaço seguro que propõe uma outra forma de usar a rede. Outra proposta, outra linguagem, outro tipo de diálogo.

A proposta é que a gente tenha um espaço de acúmulo de debate, diferente do Facebook e do WhatsApp, onde muitas vezes as informações se perdem. O fórum de discussão é um formato anterior a essas redes sociais e é um formato em que as mensagens ficam arquivadas por tópicos, o que nos ajuda a localizá-las. Então a partir desse espaço é possível que mulheres que atuam nessa frente em diferentes lugares possam se comunicar entre si de forma segura.

Ao colocar o endereço do Fórum Ingriane, você acessa a página inicial do Fórum. Ninguém cai direto nos fóruns de debate. Fizemos essa escolha para preservar as discussões. Na página inicial a gente fala sobre como se cadastrar no Fórum. A gente explica que não é necessário usar seu nome verdadeiro, porque você está na internet. Nós damos algumas dicas como, por exemplo, usar uma senha segura. Sugerimos que não se use o Chrome, porque o Chrome é da Google e no último ano o Brasil foi o país que mais pediu quebra de sigilo da Google. Por isso sugerimos que se baixe o Mozilla. Quer uma experiência mais segura? Baixe o Tor. Você só tem um e-mail? Por que você não faz um outro e-mail

para que o que você escreve no fórum não precise ser associada à sua conta? São algumas dicas para que as próprias usuárias possam se proteger melhor nesse espaço.

CAMPANHA NEM PRESA NEM MORTA POR ABORTO

A campanha Nem Presa, Nem Morta por aborto surgiu no ano passado, quando uma série de organizações se uniram em torno da ADPF. Foi uma campanha guarda-chuva que deu muito certo nas Redes Sociais. A gente conseguiu que muitas *influencers* falassem da campanha. Passado o contexto da ADPF, decidimos manter as nossas páginas em funcionamento no Facebook, Instagram e Twitter. São redes sociais que tem muitos problemas, mas as mulheres estão nesses espaços, elas buscam informações nesses espaços. Então também precisamos estar neles.

Assim como as outras iniciativas que apresentei antes, a Nem Presa Nem Morta por aborto não tem o objetivo de furar bolha ou de fazer disputa narrativa no Facebook. A ideia é ser um espaço que as pessoas acessem para ter informação. Um espaço que centralize as informações que os movimentos produzem sobre aborto, inclusive como registro histórico para os movimentos nas redes sociais. Todo dia nós temos várias postagens sobre aborto em diferentes lugares. Nas páginas da campanha nós reunimos essas diferentes informações.



MILITÂNCIA FEMINISTA DENTRO E FORA DAS REDES

* * *

Bárbara Lopes • Blogueiras Feministas

Quando eu recebi o convite para este debate, fiquei pensando que esta é uma boa oportunidade para discutir a militância na internet a partir de diferentes perspectivas. Atualmente eu trabalho em ações educativas com a juventude, através de programas ligados às discussões de gênero. Trabalho com meninas que são muito jovens e essas experiências fazem com que hoje eu consiga pensar sobre a militância na internet a partir de dois olhares: o olhar de uma militante que atua na internet e que se formou muito na internet, mas também o olhar de fora da internet, a partir do contato com as jovens. O que eu percebo é que a militância feminista na internet é um fenômeno que chegou em muitos lugares. Nas atividades nas quais trabalho, vejo meninas muito jovens de periferia que têm um acúmulo grande nessas discussões. Isso é inspirador.

As Blogueiras Feministas começaram em 2010, no contexto das eleições presidenciais. Naquele momento, discutia-se que os *blogs* poderiam ser um caminho para disputar com a mídia hegemônica. Sempre se destacavam blogueiros homens, mas nunca apareciam as blogueiras mulheres. Naquela eleição seria eleita uma presidenta mulher, mas não se falava das blogueiras. Onde estavam as blogueiras mulheres? O Blogueiras Feministas surge com o objetivo de dar visibilidade às mulheres que estavam fazendo política na internet e de incentivar mais mulheres a produzir conteúdo na internet.

Nós começamos com uma lista de e-mails e depois veio o *blog*. Passamos, então, a atuar como coletivo. Embora tivéssemos a militância virtual, também tivemos momentos de atuação presencial fortes, como nas Conferências das Mulheres e nos encontros de blogueiros progressistas. Nesse processo, encontramos mulheres de muitos lugares. Muitas mulheres que sequer se identificavam como blogueiras entraram na rede. Muitas mulheres que

se identificavam com o feminismo, mas que não atuavam em nenhum grupo encontraram ali um espaço para começar a atuar, para começar a exercer seu ativismo. Não dá pra dizer que as Blogueiras Feministas fizeram isso sozinhas, mas o que temos hoje na internet é um ecossistema muito diferente, em que não dá pra ignorar o feminismo quando vamos discutir política.

A gente deu sorte de conseguir se articular em duas plataformas que são muito abertas, que são o e-mail e o *blog*. Porque não é preciso estar no mesmo “cercadinho” para conseguir dialogar a partir dessas plataformas. Você não precisa criar uma conta para acessar aquele conteúdo, como é o caso das redes sociais. As vezes a gente acha que furar a bolha é falar com seu amigo de escola que votou em Bolsonaro. Não que isso não seja importante, mas o seu amigo de escola, se ele foi seu amigo de escola, ele veio de um lugar que é parecido com o seu. No Blogueiras Feministas a gente teve a oportunidade de conversar com pessoas muito diferentes da gente. Pessoas que a gente não conversaria em outros lugares. A internet nos possibilitou esses diálogos. Hoje eu acredito que já não tem como separar “militância da internet” e “militância”, porque essas duas dimensões estão interligadas e a atuação na internet é, na verdade, parte indissociável da militância de forma mais ampla.

Para além das questões que Hailey colocou sobre as redes sociais terem donos, outras coisas também precisam ser discutidas. As redes sociais demandam um tipo de engajamento e nos educam de uma forma que pode ser muito nociva. É quase um mecanismo de vício. Quantas curtidas conseguimos? A questão que está colocada é o que fazer para continuar girando essa roda. Há uma economia da tensão na internet. Cada vez mais o nosso desafio na internet é pensar como a gente, enquanto coletivos, segue

fazendo política sem aderir completamente a isso. Como a gente consegue resistir a essa lógica? Que outras economias nós queremos gerar?

Recentemente, eu propus uma atividade sobre pós-verdade e fui fazer uma pesquisa em sites de esquerda. A gente fala de *fake news*, mas o nosso lado também não está isento disso. Nesse exercício, eu entrei num site de notícias de esquerda e encontrei manchetes com palavras como “genocídio” e “holocausto” em destaque. São exemplos explícitos de sensacionalismo. Mas como podemos competir com o sensacionalismo? Como fazer um “contra sensacionalismo”, produzir conteúdo de outra forma e continuar mobilizando as pessoas?

Os feminismos têm algumas pistas que podem ser partilhadas com outros campos da esquerda. Porque, para nós feministas, sempre esteve evidente que

não deveríamos fazer um debate abstrato. O nosso debate tem corpo, tem sentimentos, ele não é só um debate racional. Esse é um caminho de comunicação que gera mobilização e engajamento das pessoas sem precisar aderir a estratégias sensacionalistas.

O contra-ataque às discussões de gênero que temos visto nos últimos anos é uma resposta à potência que temos construído. Essa potência da qual falei no início, de meninas jovens que vêm produzindo coisas tão fortes, tem movimentado e segue movimentando muitas iniciativas. Mesmo nos ambientes mais áridos surgem brotos de resistência. Precisamos pensar sobre como cuidar dos brotos que estão nesses lugares inóspitos e também sobre como produzir outros contextos e outros espaços.



MISÓGINOS NÃO VÃO NOS SILENCIAR

* * *

Lola Aronovich • *Escreva Lola Escreva*

Meu *blog* começou em 2008, quando eu estava fazendo doutorado sanduíche em Detroit. Onze anos é uma eternidade na internet. Muita gente acha, eu já vi até escritos acadêmicos afirmando isso, que o *Escreva Lola Escreva* foi o primeiro *blog* feminista no Brasil. Na realidade, não foi. Tinha muitos *blogs* feministas no país antes dele. Acho que hoje ele é, sim, um dos maiores *blogs* feministas do país. Mas nesse momento em que os *blogs* estão decaindo, não sei exatamente o que isso significa. O auge de meu *blog* foi em 2013. Então não sei exatamente o que estou fazendo, mas continuo, porque ele é também uma forma de defesa, é uma voz. Se eu não me defendo, quem vai me defender? É uma forma de ter uma voz.

Vocês devem estar cansadas de saber dos ataques, das ameaças. Eu sofro muitas ameaças há muito tempo, pelo menos desde 2010 ou 2011. São ameaças muito pesadas e ataques ao meu *blog*, ataques à minha família. A gente vai sobrevivendo, eu não vou deixar de viver por causa de grupos misóginos que querem nos silenciar usando o medo. Para me calarem, vão precisar de mais do que isso. Muitas coisas aconteceram nesses últimos anos. Um dos ataques foi a criação de um site falso de ódio, feito no meu nome, que acabou viralizando. Era um site que defendia o aborto de fetos masculinos, o infanticídio e a castração de meninos. Essa foi a única vez que eu chorei por causa da internet. Ele só viralizou porque figuras mais conhecidas da direita como Olavo de Carvalho e Roger Moreira, do Ultraje a Rigor, ajudaram a viralizar. Eles divulgaram o *blog* falso no meu nome mesmo sabendo que não era meu.

Esses episódios fazem com que a gente perceba a conexão entre os discursos de misoginia fora da internet e os discursos de misoginia dentro da internet. Uma coisa que seria importante de se investigar são as ligações entre Bolsonaro, a família

de Bolsonaro, e todos esses fóruns de misoginia. Se eles têm tantas ligações com as milícias reais, o que impede que eles tenham ligações com as milícias virtuais? Os únicos assessores de verdade da família Bolsonaro, que de fato trabalham, são os que eles contratam para trabalhar na internet. Não estou falando de robôs, estou falando de gente que foi contratada para trabalhar na internet atacando desafetos da direita. Isso precisa ser investigado.

Por causa dos ataques que tenho vivido, que têm tido muita repercussão, foi criada a lei Lola. É uma lei importante, porque é a primeira vez que a palavra misoginia aparece na legislação brasileira. Eu tive muitas dificuldades para denunciar esses crimes, porque eu não sabia onde denunciar. Em Fortaleza ainda não há delegacia de crimes cibernéticos. A delegacia da mulher lida basicamente com violência doméstica. A primeira pergunta que me faziam era qual era o meu grau de relação com o agressor. Quando eu afirmava que não conhecia os agressores, me informavam que aquele crime não poderia ser denunciado naquela delegacia. A polícia civil também não está em condições de investigar esses crimes, não estão acostumados a lidar com crimes de ódio na internet. A Polícia Federal disse que não investigaria crimes de ódio contra as mulheres na internet, porque eles só investigam crimes que o Brasil é signatário internacional, como pedofilia e racismo. Então a lei Lola foi uma conquista importante, mas a Polícia Federal ainda não a está implementando, e creio que falta vontade política. Por isso também é importante criminalizar a misoginia, para que ela ganhe status de crime e seja levada a sério.

Muita coisa aconteceu, temos feito muitas coisas e, por outro lado, também temos sido atacadas das mais diversas maneiras. Mas a gente está crescendo cada vez mais. As meninas de 12, 13 anos estão

levando o feminismo para a escola, estão abrindo coletivos feministas por conta própria. O que é que o Escola Sem Partido vai fazer? Proibi-las? O #EleNão foi enorme. Antes da manifestação do #EleNão eu estava preocupada, ingenuamente, com o fato de que houvesse alguma performance polêmica durante as passeatas, uma reencenação da facada do Bolsonaro, por exemplo. Mas as manifestações do #EleNão em todo o Brasil foram lindas. A narrativa que a direita faz na internet foi completamente distinta, tudo *fake news*. Usaram fotos de outros lugares, fotos fora de contexto. A direita venceu a guerra das narrativas, mas fizemos o maior ato feminista organizado por mulheres na história do Brasil.

O que a gente precisa saber é quem está pagando pela propagação de *fake news*. Você tem um grupo enorme de robôs sem nome, que atacam pessoas que têm um nome, têm um endereço de residência, têm um endereço profissional. Nessa disputa, estamos muito mais vulneráveis. A direita sabe quem somos, nos atacam e processam, e não temos como processar um exército de anônimos. As empresas que gerenciam as redes sociais ainda estão muito distantes de se responsabilizarem pelo que acontece nas suas plataformas. Precisamos cobrar também essa responsabilidade, cobrar que façam o bloqueio sério aos robôs e perfis que infestam as redes e que disseminam ódio.



SE ENCONTRAR PARA CONTAR NOSSA HISTÓRIA

* * *

Charô Nunes • Blogueiras Negras

Eu escrevo. Eu poderia dizer também: escrevo para viver e vivo para escrever. Estou aqui hoje representando o Blogueiras Negras. E gostaria de dizer que sempre que a gente tem o nosso nome lembrado, é uma grande honra e alegria.

Vendo as companheiras aqui, a Hailey Kass e a Bárbara Lopes, penso: “Nossa, nós estamos velhas, hein?”. Como um intervalo de tempo de 10 anos transformou as coisas dessa forma? Grande parte do que vocês falaram nos contempla como Blogueiras Negras. Nós atuamos enquanto geração. Estávamos todas diante de uma tecnologia que prometia oferecer novas possibilidades de comunicação e nós fomos lá e a usamos. As tecnologias, as redes sociais, são fruto de fenômenos histórico-culturais que mudaram profundamente nos últimos anos. Em um espaço de 10 anos, você vira uma pessoa “dinossáurica”.

Recentemente Larissa Santiago me falou: “Você já prestou atenção nisso que está aí nesse celular, esse 5G?” Para mim o 5G era só uma coisa que ia deixar a internet mais rápida e ia me dar mais dados. Eu fui atrás de saber o que era o 5G e me senti ingênua. Me senti extremamente ingênua para uma pessoa que está há tanto tempo trabalhando na internet. Mesmo com a compreensão que esse não saber também é fruto de uma lógica em que nem sempre conseguimos, queremos ou precisamos dar conta de um volume imenso de informações.

O 5G faz o seu celular ser ampliado. Nós estamos falando de escalas urbanas e continentais. Estamos falando de uma sociedade que produz um aparelho e esse aparelho se torna um todo. É preciso olhar para isso, porque o 5G está sendo propagandeado simplesmente como se fosse a possibilidade de você ter mais dados no celular. Mas não é só isso. O 5G amplia a liberdade de controle sobre os nossos

corpos. O celular vai se tornar a cidade onde a gente habita. Nós vamos ficar presas. E não é no celular. Nós vamos ficar presas na nossa cidade, numa lógica.

Esse controle não está só nas tecnologias, mas sempre esteve em toda a nossa sociedade. Essa sociedade que tem uma autorização secular de nos matar produziu essas tecnologias. Produziu o que nós usamos. O que nós usamos, o celular, não é o todo. O todo a gente não pode comprar. Nem nós que estamos aqui somos o todo. Tem muita coisa acontecendo em outros territórios. Muita coisa que, para nós, está no âmbito virtual. Muita coisa que a gente não está sabendo ou que a gente não está entendendo.

Então a responsabilidade que a gente tem é de fazer aquilo que Hailey Kaas falou: se encontrar. Se encontrar para contar a nossa história. Sempre que há um encontro, há a possibilidade de contar a nossa história e sair de uma lógica que nos massacra. Mas nessa velocidade com a qual as máquinas produzem a vida, esses momentos vão ser cada vez mais um pequeno ponto dentro de uma imensidão de coisas que acontecem muito rápido. A gente se vê obrigada a responder a uma velocidade que é robótica, de responder imediatamente a ataques que são robóticos.

Os ataques acontecem dentro das redes sociais, algoritmicamente. Mas eles reproduzem uma lógica cultural que está lá fora. As redes sociais refletem coisas que sempre existiram. O que a gente chama de virtual é parte das nossas sociedades. Esses territórios não estão apartados. É por isso que a gente precisa prestar atenção nos fenômenos culturais para aprender a contar a história e para olhar para o futuro. Esses robôs não apareceram do nada. Eles são fruto de uma construção histórica. *Fake news* é o Brasil. “Ah, descobrimos o Brasil”.

Como, se aqui já tinha gente antes? Então o que é o Brasil se não uma grande *fake news*? Tudo o que está acontecendo nessas tecnologias é só a afirmação de algo que já vem acontecendo. Existe um algoritmo que está rodando há muito tempo, que agora está se utilizando de um aparato tecnológico. Eu estou citando apenas mais um dispositivo que amplia essa possibilidade de dominação, que é o 5G.

Respostas não tenho. Então vamos ficar nos perguntando e nos perguntando de novo. A nossa sorte é que temos espaços para conversar sobre isso. A nossa sorte é que nós andamos juntas.

O QUE É O 5G?

5G é o nome dado à 5ª geração de conexão móvel sem fio. A rede poderá ser usada para troca de dados, assim como usamos hoje o 3G e o 4G. Além do aumento da velocidade e da capacidade de armazenamento de dados, se espera que o 5G possibilite também que dispositivos conectados possam se comunicar entre si, “como uma geladeira que avisa quando estiver sem comida ou um sistema inteligente de casa que prevê quando a pessoa estiver voltando do trabalho”, como explica uma matéria sobre o 5G da revista Exame. O que se espera é que essa tecnologia possibilite novidades como carros conectados (e até autônomos) e casas inteligentes. Isso trará muitas mudanças para os ambientes urbanos, porque toda a cidade poderá ser monitorada. Da mesma forma que isso possibilita a avaliação permanente de coisas como o tráfego e o fornecimento de água, essa tecnologia também poderá ser utilizada para vigilância dos cidadãos.

Atualmente há uma grande corrida tecnológica entre os Estados Unidos e a China para saber quem irá liderar a implantação desta tecnologia em diferentes regiões do mundo e a empresa chinesa Huawei se encontra à frente do processo. As empresas responsáveis por essa implantação terão controle sobre os dados da maior parte do mundo, tanto dados pessoais como dados do Estado e de empresas. O receio de alguns governantes é a vulnerabilidade dos dados e os riscos decorrentes dessa vulnerabilidade. Segundo uma reportagem

sobre o tema do jornal El País, o Conselho de Ministros de Interior da União Europeia (UE) tem analisado as implicações para a segurança que a implantação do 5G provocará. Segundo o relatório do coordenador da Luta Antiterrorista da UE, Gilles de Kerchove, o panorama é preocupante e poder facilitar o surgimento de um terrorismo com novas feições. Segundo Kerchove, “em breve os computadores quânticos serão capazes de decifrar qualquer criptografia, a biologia sintética permitirá recriar vírus fora dos laboratórios e do corpo humano e os aparelhos interconectados poderão se tornar armas”.

Reportagens:

1. Revista Exame: “O que é o 5G e como ele vai mudar a sua vida”.

Reportagem de Victor Caputo, em 21 e outubro de 2015.

Link: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/o-que-e-o-5g-e-como-ele-vai-mudar-a-sua-vida/>

2. El País: “União Europeia alerta para risco de novo terrorismo ligado à implantação do 5G”

Reportagem de Bernardo de Migue, em 16 de junho de 2019.

Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/05/internacional/1559760776_098805.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&hootPostID=2589557c4049d17f1709105000075e09



* DIÁLOGO COLETIVO *

Os tópicos apresentados a seguir são fruto das discussões coletivas realizadas a partir das contribuições das participantes do debate “Diálogos feministas: ativismo na internet e coletivos online no atual contexto político”, realizado em São Paulo em junho de 2019. Essa sistematização não pretende esgotar todas as questões abordadas e nem representa necessariamente a opinião de todas as participantes.

A INTERNET E AS MUDANÇAS NAS NOSSAS VIDAS

A geração que nasceu na década de 1990 é a última geração analógica. Ou seja, pessoas que hoje têm 22 anos já nasceram num mundo extremamente digital. Isso traz impactos significativos. É uma geração que tem outra concepção e outros referenciais de tempo, espaço, trabalho, leitura, sociabilidade etc. O surgimento da internet trouxe transformações tão profundas que mesmo quem não está diretamente conectada é afetada por ela. É possível que algumas dificuldades que sentimos hoje em relação às redes sociais, inclusive, a dificuldades que temos encontrado na relação entre militância e internet, sejam encaradas de forma diferente pelas novas gerações. Então talvez não caiba às nossas gerações ter uma integração tão completa entre as nossas vidas *offline* e a realidade *online*. Quem está vindo provavelmente vai ter uma relação diferente com esse universo, porque vai ser criada e vai viver em outro tempo, um tempo que pra gente agora é insano.

ACELERAÇÃO DO TEMPO

Não é possível pensar sobre o impacto da internet nas nossas vidas sem pensar sobre a aceleração do tempo que ela opera em nossas vidas. Estamos cada vez mais máquinas e menos humanas? Quais são os impactos de tensionarmos tanto as limitações dos nossos corpos para produzir em uma velocidade mecânica? Essa aceleração do ritmo de vida é compatível com o mundo que queremos construir? Há espaço para o cuidado e o autocuidado nesse novo ritmo da vida? Ou esses questionamentos são, em alguma medida, saudosistas? Essas são perguntas para as quais ainda não temos respostas.

O QUE FAZEMOS COM A INTERNET E O QUE A INTERNET FAZ COM A GENTE?

A internet tem vários limites, então é importante refletir sobre quando e com que objetivos usamos a internet, para que a gente consiga perceber também quando nós estamos querendo construir algo que não é possível naquele espaço. Nós passamos muito tempo na internet e precisamos pensar em que medida nós estamos usando a internet e em que medida a internet está nos usando. O que é que a internet faz com a gente e de que forma ela nos transforma?

A internet é um lugar de disputa. As redes que nós usamos e os espaços que acessamos na internet têm donos e nós precisamos estar atentas aos interesses de quem detém o poder na internet. A nossa atuação acaba sendo limitada por esses interesses, porque nesses espaços há uma desigualdade de forças. Mesmo que a gente crie novas plataformas, nós não temos dinheiro suficiente para disputar com as grandes corporações da internet. Acabamos tendo que usar as plataformas destas grandes corporações, como o Google, o Instagram, o WhatsApp e o Facebook. Por isso, temos que pensar nos limites dentro dos quais podemos avançar nesses espaços.

O TEMPO DA INTERNET

Outra questão para refletirmos é o tempo de vida que a internet nos impõe. Na internet é tudo muito rápido. A gente já lida com muitas questões ao longo dos nossos dias. E parece que sempre temos que dar conta também do que está acontecendo na internet. Somos pautadas numa velocidade muito rápida e essa rapidez permanente acaba afetando a nossa saúde mental, gerando muita ansiedade.

A DEPENDÊNCIA

As redes sociais têm uma forma de funcionamento que gera muita dependência. A gente começa se sentindo no controle da situação e, com o tempo, ficamos cada vez mais dependentes dos estímulos gerados por essas redes, como as curtidas e as trocas de mensagens. A internet incentiva permanentemente a necessidade de autoafirmação. Às vezes, acabamos nos expondo sem pensar nas consequências e perdemos o controle sobre o nosso direito de dar acesso à nossa vida privada apenas a quem desejamos. Isso tem muitos desdobramentos no nosso cotidiano e na nossa saúde mental. Mexe com a nossa autoestima, com nossa concentração e muitas pessoas acabam adoecendo.

PROFUNDIDADE DAS NOSSAS REFLEXÕES

A rapidez da internet também tem um impacto no tipo de conteúdo que temos condições de acessar e no tipo de conteúdo que temos condições de produzir. Elaboraões mais complexas são cada vez mais raras e o que vemos em muitos espaços é uma simplificação das discussões políticas. As modas também guiam muito as discussões nas redes sociais. Os memes, as expressões, os temas da vez, tudo isso acaba moldando o tipo de discussão que fazemos. Às vezes, utilizamos esses recursos de forma interessante. Às vezes, inclusive, criamos modas. Mas em algumas ocasiões também somos engolidas por uma onda de massificação.

FORMAÇÃO POLÍTICA NA INTERNET

Hoje, muitas páginas feministas estão em alta nas redes sociais. Algumas delas produzem conteúdos muito interessantes. Outras simplesmente entraram na onda da moda do feminismo e compartilham coisas muito problemáticas. Temos o desafio de pensar como se dá a formação política nesse espaço. Porque do mesmo jeito que há uma potência de diálogo e comunicação, há também a disseminação de perspectivas feministas que dialogam pouco com o campo da esquerda e dos movimentos sociais.

INDIVIDUALISMO X CONSTRUÇÃO COLETIVA

Um exemplo do distanciamento de algumas discussões na internet com o que discutimos nos movimentos sociais é o individualismo que aparece em muitas abordagens feministas que vemos nas redes sociais. O individualismo é um monstro difícil de enfrentar nesses tempos. É difícil agregar as pessoas em torno de um discurso feminista contra-hegemônico, que discuta as pautas estruturais. Apesar do feminismo estar muito difundido, nós continuamos sendo poucas. Tem um tipo de identidade feminista que é muito comum na internet, que é assumida unicamente a partir da autoidentificação com um discurso de empoderamento individual. Esse é um feminismo que está muito pouco preocupado com transformações que vão além da nossa própria conduta. Diferente dessa perspectiva, o feminismo que queremos construir é uma luta coletiva, ele é construído no fortalecimento de laços coletivos e busca transformações estruturais.

EMPATIA, RECONHECIMENTO E DIÁLOGO NA INTERNET

Até que ponto é possível construir na internet coisas importantes na luta por liberdade e igualdade, como a empatia? A aliança entre ações presenciais e a militância na internet é muito importante, porque algumas coisas só são possíveis no presencial. O reconhecimento da própria humanidade da outra pessoa e da honestidade da sua opinião parecem ser mais possíveis cara a cara. Talvez esse seja um dos aprendizados do viravoto no segundo turno das últimas eleições. Num momento em que parecia impossível dialogar na internet, fomos às ruas conversar com as pessoas e, ainda que não tenhamos conseguido ganhar as eleições, conseguimos resultados importantes e conseguimos ouvir e ser ouvidas.

DESIGUALDADES E O ACESSO À INTERNET

Quando estamos discutindo internet precisamos discutir também o acesso à internet. Em algumas regiões no país a internet não chega ou chega muito mal. Mesmo nas cidades, a forma como usarmos a internet pode ser muito diferente e isso reflete as nossas desigualdades. Muita gente acessa a internet diariamente, mas de forma muito limitada. E muita gente acessa a internet como consumidora, mas não como produtora de conteúdo. Essa diferença está colocada também na nossa militância. Quando a gente fala “o feminismo na internet”, parece que é tudo a mesma coisa, mas não é. Parece que todas as feministas estão por dentro do que acontece na internet, mas não estão.

Muitas discussões da internet estão desconectadas da militância feminista cotidiana de mulheres que estão nas periferias, por exemplo. Principalmente da militância de mulheres que não são jovens. Às vezes parecem dois mundos feministas paralelos. A gente tem que se perguntar como fazer para que esses mundos se comuniquem. Não basta pensarmos em formas de divulgação dos nossos conteúdos na internet, precisamos conversar nos nossos espaços de militância presencial sobre como acessar conteúdos feministas na internet. E também não podemos deixar de construir um feminismo que também dialogue com as mulheres que não se alfabetizaram ou que não têm o hábito da leitura. É preciso ter muita sensibilidade para perceber que tem mulheres em diversas situações.

PENSANDO SOBRE A NOSSA RELAÇÃO COM A INTERNET

A pedagogia feminista tem um princípio importante, que é o entrelaçamento entre as nossas subjetividades e as discussões mais estruturais nas reflexões que desenvolvemos. A compreensão da tecnologia pode partir da reflexão sobre a nossa própria relação com a tecnologia. Refletir sobre a nossa trajetória e a nossa relação individual com a tecnologia nos ajuda a pensar também na nossa resistência. Quando fazemos esse caminho, não somos apenas reféns na tecnologia. Somos sujeitos ativos nessa relação.

O TEMPO DAS MULHERES E A TECNOLOGIA

Temos discutido bastante de que forma atuamos na internet e os impactos da internet na vida das pessoas que estão muito mergulhadas nesse universo, como o adoecimento que isso gera, entre outras coisas. Mas discutimos pouco a forma como as mulheres que não estão tão dentro da internet se relacionam com ela. A nossa relação com a tecnologia e com a internet está relacionada com o nosso ser mulher no mundo. Uma questão que está colocada para o uso da internet é a nossa disponibilidade de tempo. Já estamos expostas a intensas jornadas de trabalho fora e dentro de casa. Muitas mulheres não têm tempo para se dedicar a aprender a usar as novas ferramentas que estão surgindo, o que gera o sentimento de exclusão. Outras não têm tempo de participar dos debates políticos nesses espaços, que demandam muito tempo. Para algumas mulheres, a internet atravessa também o exercício da sua maternidade. Há uma nova demanda que é a preocupação de como as suas filhas e seus filhos estão usando a internet e o quanto eles podem estar expostos à violência nesses espaços.

AS MUDANÇAS NA INTERNET

O mundo tem mudado de forma rápida e a própria internet também tem se transformado. É curioso como, hoje, entendemos cada vez mais “internet” e “redes sociais” como a mesma coisa. 55% dos brasileiros acham que a internet é o Facebook. Isso acontece porque, de fato, o uso que a maior parte das pessoas faz da internet se restringe às redes sociais. Isso implica numa limitação do potencial de liberdade que a internet poderia ter. Desde que surgiram, as próprias redes sociais também mudaram bastante. Há poucos anos as redes ainda se apresentavam como um possível espaço de debate entre diferenças. Hoje, há cada vez menos um espaço para debate virtual. Em geral, as redes têm sido mais um lugar de consumo de informação do que de troca de ideias.

A ESQUERDA E A INTERNET

Às vezes parece que a esquerda está sempre um passo atrás nas disputas da internet. Ainda que a gente tenha avançado, ainda que a gente venha investindo cada vez mais na comunicação, alguns setores da esquerda, como o sindicalismo, ainda têm muitas dificuldades de utilizar essas ferramentas de forma eficaz. Se a gente não tem um espaço *online*, a gente não dialoga com boa parte das trabalhadoras e dos trabalhadores, com a juventude, com quem está distante espacialmente da gente, com quem circula por outros espaços. Ainda que a gente faça trabalho de base, não podemos deixar de ocupar a internet. Estas duas formas de militância agora precisam andar lado a lado. Nas periferias as pessoas são muito conectadas, principalmente a juventude. Mas mesmo tendo acesso à internet, tem coisas que não chegam. Se a gente quer fazer esse trabalho de base, a gente precisa chegar nesses territórios também através da internet.

A INTERNET E AS MOBILIZAÇÕES DE RUA

As redes sociais possibilitam a ampliação do alcance das nossas ideias. Mas parece que, do mesmo jeito que elas possibilitam algumas coisas, impedem outras. Por exemplo, por que um evento criado por uma jovem que não tem relação com o movimento consegue levar milhões às ruas e um evento do movimento organizado, que tem pautas concretas e um acúmulo de luta, não consegue fazer isso? Isso tem acontecido muito na história recente do feminismo no Brasil. Em 2013, quando aquela multidão estava nas ruas, era uma incógnita. Um milhão de pessoas na rua, mas quem tinha chamado aquilo? Ninguém aparecia como autor desse processo. E, ao fim, quem mais se fortaleceu com isso foi a direita. Que forças estão por trás desse tipo de orquestração?

A internet, às vezes, nos faz perder a noção do nível de engajamento que temos em torno de uma pauta. Ou o que esperar desse engajamento e como organizá-lo. A gente faz um evento e ele tem oito mil curtidas, mas no dia aparecem cem mulheres na rua. Ao mesmo tempo, as redes sociais também amplificam coisas negativas. O MBL não tem a força que parece ter na internet. A gente vê uma postagem do MBL com milhões de curtidas, mas quem é que o MBL consegue levar pra rua hoje? Não podemos achar que o fato de Bolsonaro ter sido eleito significa que está tudo perdido. Revolução e contra revolução andam lado a lado. Sempre vai ter disputa e nós não podemos deixar o espaço para a direita.

MILITÂNCIA INDIVIDUAL NA INTERNET

Eventos que bombam, postagens que bombam, páginas que bombam. Todos esses fenômenos vão fortalecendo uma ideia de organização política que é muito individual. E há, também, o fortalecimento da necessidade de autoafirmação incentivada pelas redes sociais. Ao tirar uma foto ou escrever um texto que tenha grande repercussão, pode parecer que você é mais feminista do que quem está numa reunião ou numa atividade presencial. Parece que a luta coletiva, dos movimentos, que exige um trabalho permanente, se torna menor. Nós não somos feministas sozinhas. Feminismo não diz respeito somente a você se sentir bem, é uma luta coletiva pela libertação de todas as mulheres.

DIFUSÃO DO FEMINISMO E ARTICULAÇÃO POLÍTICA

A internet tem tido um grande impacto na difusão do feminismo. Mas a difusão do feminismo é apenas uma das dimensões da luta. A gente precisa pensar em como articular as diferentes perspectivas em torno do feminismo e da emancipação em uma luta comum. Ou seja, precisamos pensar em como fazer com que as lutas que são importantes para cada uma de nós se articulem em uma agenda comum como um processo que aconteça de forma contínua.

"MARÉS ALTAS", "MARÉS BAIXAS" E A CONTINUIDADE NAS NOSSAS LUTAS

Estamos vivendo um momento de grande visibilidade das pautas feministas e precisamos aproveitar essa "maré alta" para fazer com que a nossa força se estenda para além das modas. Temos o desafio de articular esse "ser feminista" mais individual, que foi se construindo a partir da difusão do feminismo, com o engajamento em processos coletivos e contínuos. O que é que nós fazemos entre uma "maré alta" e outra? A nossa capacidade de construir um engajamento permanente terá um impacto na nossa possibilidade de avançar de forma mais contínua nas nossas lutas. Nos momentos de "maré baixa", é imprescindível que a gente encontre formas de nos nutrirmos, de aprofundar o amor que temos pelas nossas lutas, de conhecer melhor a realidade umas das outras, de construir identificações, cozinhar juntas, pensar juntas, nos divertir juntas. Quando estamos enfraquecidas no cenário de disputa política, precisamos nos fortalecer internamente, para que os nossos movimentos consigam continuar sendo um espaço que as mulheres buscam e onde se sentem bem e se fortalecem. Enquanto nossos espaços forem espaços de fortalecimento para as mulheres, os nossos movimentos estarão fortalecidos.

Não parece haver outro caminho para resistirmos de forma mais contínua que não seja a construção coletiva e a organização política. Como é que a gente faz coisas em conjunto? Onde é que definimos as nossas estratégias, para que o acúmulo dos momentos de alta não seja passageiro? É importante estarmos nas ruas sabendo quem são os nossos inimigos. Nós saímos às ruas lutando contra o patriarcado, contra o racismo, contra o capitalismo, contra esses e outros sistemas de opressão. Mas como é que a gente consegue transformar isso num inimigo concreto, para que possamos ir além da divulgação do feminismo e construir uma agenda de luta permanente, com objetivos de curto, médio e longo prazo?

MILITÂNCIA ONLINE E MILITÂNCIA OLHO NO OLHO

A militância virtual e a militância presencial são ambas necessárias, mas são coisas diferentes. Apesar das fronteiras não estarem tão nítidas, de alguma forma esses mundos ainda se separam, e é preciso compreender os limites e as especificidades da atuação em cada espaço. Quais são as formas de debate presencial e de debate virtual? Como e com quem queremos dialogar em cada um desses espaços? No segundo turno das últimas eleições, o importante não foi apenas termos ido para as ruas dialogar com as pessoas, foi também a forma como fizemos isso. Se é possível fazer algum trabalho de base na internet, ele precisa passar pelo diálogo, pela escuta, precisa haver algum tipo de troca. A gente não deve se deixar arrastar pelas dinâmicas das redes sociais, precisamos ser capazes de negociar com elas e de construir outras formas de diálogo a partir delas.

PENSANDO SOBRE A NOSSA COMUNICAÇÃO

Várias coisas influenciam na eficiência com a qual a gente se comunica na internet. A primeira questão são os algoritmos. Precisamos investir em formação técnica para compreendermos melhor o funcionamento dos algoritmos nas redes sociais. Ainda dependemos muito de uma mídia alternativa para travar alguns debates. Se alguém digitar no Google “reforma da previdência”, por exemplo, não vai encontrar facilmente um texto ou um vídeo que desenvolva críticas sobre a reforma da previdência. Isso tem a ver com os algoritmos da internet, mas também com nossas estratégias de comunicação.

Um dos caminhos para pensarmos essas estratégias é explorando cada vez mais outras mídias: textos, vídeos, áudios, fotos, desenhos. Quando nós, dos movimentos sociais, começamos a investir mais na produção de vídeos, por exemplo, a direita já vinha utilizando o Youtube há muito tempo, inclusive recorrendo a estratégias publicitárias.

A forma como nos comunicamos também é importante. Como é que a gente fala com as pessoas de forma que faça sentido para as suas vidas? As palavras que a gente usa determinam muito o tipo de engajamento que geramos nas pessoas. Não adianta repetirmos sempre os mesmos mantras se eles não estiverem fazendo sentido para as pessoas que estão distantes da militância.

MAS O QUE É UM ALGORITMO?

Temos ouvido muita gente falando de algoritmos, mas o que são os algoritmos? Algoritmos são uma série de instruções simples que são realizadas para resolver um problema. Os cálculos matemáticos que aprendemos na escola, por exemplo, são algoritmos, ou seja, são instruções que nos ajudam a encontrar a solução de um problema.

E o que isso tem a ver com a internet? Com a criação dos computadores, passou a ser possível executar construções algorítmicas complexas de forma cada vez mais rápida. Os algoritmos são a base de qualquer programa de computador ou aplicativo de celular que usamos no nosso dia a dia. Um joguinho de celular, um software de computador, o Facebook e todos os outros recursos tecnológicos que utilizamos são, nada mais do que vários algoritmos sendo executados em alta velocidade. Ou seja, eles funcionam através do acúmulo de várias dessas instruções simples que vão sendo executadas em velocidades inimagináveis para um cérebro humano.

Um dos algoritmos mais famosos é do Google, ele rastreia na Web aquilo que estamos buscando e nos apresenta resultados de pesquisa de acordo com os interesses do perfil de cada usuária ou usuário. As redes sociais também funcionam a partir de algoritmos, que são as instruções que direcionam, por exemplo, quais mensagens vão aparecer na nossa linha do tempo. As redes sociais funcionam como

um espelho, quanto mais temos interesse em determinado tema ou curtimos determinada página, mais aquele tema ou aquela página vai aparecer nas nossas buscas. É por isso que a opinião de pessoas que pensam diferente da gente aparecem tão pouco nas nossas linhas do tempo, ainda que elas sejam nossas amigas ou a gente tenha amigos em comum com elas. Esse mecanismo de resposta aos nossos interesses não é a única instrução que guia a forma de funcionamento das redes sociais.

Algumas dessas instruções nós conhecemos, outras nem tanto. Por exemplo, não sabemos muito bem como determinadas mensagens viralizaram de forma tão rápida nas últimas eleições no Brasil. Os algoritmos da internet têm sido cada vez mais utilizados para influenciar os resultados de eleições através da manipulação da informação. Eles definem que tipo de informação chegará até nós, como é o caso das propagandas que recebemos na internet, das mensagens que viralizam, entre tantas outras coisas. Por mais mecânico que tudo isso pareça, por trás da criação das tecnologias há sempre uma escolha humana. Ou seja, por mais que os algoritmos funcionem de forma mecânica e muito rápida, as instruções para o funcionamento das tecnologias sempre foram definidas por um grupo de pessoas. E essa é sempre uma decisão política.

A ESCRITA COMO MILITÂNCIA FEMINISTA

Existem muitas formas de fazer trabalho de base e formação feminista. O incentivo à escrita é uma delas. A escrita também pode ser um caminho para contar a nossa própria história. Os *blogs* feministas colaborativos tiveram um importante papel no incentivo da autoria das mulheres. Mulheres que antes não se viam como autoras, mulheres de diferentes lugares, diferentes identidades raciais e diferentes idades. A escrita pode ser um caminho para o fortalecimento subjetivo e incentivar mais mulheres a escrever pode ser mais uma forma de povoar o mundo com ideias feministas.

NOVAS LINGUAGENS

A escrita criativa pode ser um caminho para pensarmos a nossa comunicação. A literatura sempre foi uma forma de conseguir alcançar as pessoas através do sentimento. Em vez de quantidade, em vez de buscar atingir um público cada vez maior, podemos buscar outras formas de escrita e outro ritmo de leitura, no qual a gente consiga discutir os temas que nos interessam através de narrativas nas quais as pessoas possam identificar seus sentimentos e sensações. O feminismo tem essa capacidade de explicitar que o nosso corpo importa, que o nosso corpo é a nossa casa, é a casa dos nossos sentimentos, dos nossos pensamentos e é também o nosso campo de batalha. A insistência nisso tem sido importante, tem sido uma forma de sobreviver. Temos nomeado as opressões que a gente vive de maneira muito significativa. E temos feito links poderosíssimos entre as transformações culturais e as transformações institucionais. A gente tem conseguido elaborar mensagens traduzíveis e uma evidência disso é que meninas cada vez mais jovens têm se identificado com o feminismo.

INTELIGÊNCIA FEMINISTA

Nós precisamos ter uma inteligência de mulheres, ter grupos de comunicadoras feministas autônomas, dentro dos partidos, dentro dos movimentos mistos, e precisamos fortalecer umas às outras. Todo partido político tem 5% de fundo partidário para trabalhar com formação e fortalecimento das mulheres, é importante exigirmos que esses recursos sejam realmente utilizados. Ainda não temos muitas mulheres na área da comunicação fazendo campanhas. As mulheres que estão nesse campo, que conseguiram estudar, são brancas e às vezes têm uma outra perspectiva sobre o feminismo. É importante que cada vez mais mulheres se apropriarem das questões técnicas, das redes sociais e de outras ferramentas de comunicação. Precisamos formar uma inteligência feminista para dar conta dos desafios que temos pela frente.

A FORÇA DOS FEMINISMOS

Os feminismos têm estado na vanguarda do contexto político nacional. Eduardo Cunha foi eleito o inimigo das mulheres porque ele estava na linha de frente do golpe na época e também estava comprometido com outras pautas que atacam a vida das mulheres. As feministas fizeram a defesa de Dilma, e não fizeram essa defesa de forma acrílica. Ainda que não tenhamos conseguido barrar o golpe de 2016, em 2018 nós respondemos a ele com muitas mulheres eleitas no legislativo. Apesar da nossa derrota eleitoral na presidência, abrimos novas frentes e novas formas de ocupação da política institucional, temos ocupado cada vez mais esses espaços com a nossa maneira de ser feministas.

MISOGINIA

As mulheres e a população LGBT estão entre os setores atualmente mais atacados. Distorcem absolutamente todas as nossas pautas. Nós somos atacadas inclusive dentro da própria esquerda. A história da luta das mulheres e o feminismo são atacados o tempo inteiro. Um exemplo disso foi a narrativa que se construiu sobre o #EleNão. O #EleNão foi enorme, foi fantástico. Mas a gente perdeu nas redes sociais. A direita distorceu completamente a nossa manifestação, criando várias *fake news* e divulgando fotos de outros eventos, de forma descontextualizada. Alguns setores da esquerda acusaram a manifestação, colocando sobre nós a culpa pelo crescimento do ódio contra as nossas pautas ou afirmando que as pautas identitárias teriam separado a esquerda e por isso perdemos as eleições. Grande parte da resistência estava em nossas mãos, nós fomos um dos poucos setores que conseguiram reagir de forma massiva no período eleitoral. Fomos uma força importantíssima, inclusive para que houvesse o segundo turno.

Não é à toa que nós, dos movimentos feministas, estamos sendo atacadas. A gente

tem feito muito enfrentamento, inclusive dentro da esquerda. Uma das coisas importantes que levamos adiante foi a necessidade de discutir o machismo, a violência contra as mulheres e as desigualdades entre homens e mulheres nas escolas. Por isso que a reação conservadora, distorcendo as discussões de gênero, veio de forma tão forte. Temos visto, como reação ao que conquistamos, um crescimento alarmante da misoginia. A eleição do Trump, nos Estados Unidos, foi um marco para a geopolítica mundial, que revela o crescimento dessa misoginia, da lgbtfobia e do racismo.

Os homens brancos de classe média e a classe média branca de forma mais ampla têm perdido espaço político e no mercado de trabalho diante de todas as transformações que conseguimos engendrar nas últimas décadas. Então o ódio é a resposta de uma classe que não quer abrir mão dos seus lugares de poder e privilégio. Não é possível dissociar isso de todos os ataques que nós temos enfrentado nesse momento. Essa disputa é um componente importante do fascismo, do machismo e da misoginia.



VIOLÊNCIA ONLINE

A violência *online* está muito ligada à violência off-line. Nós convivemos diariamente com a violência doméstica, com o feminicídio, com os ataques à nossa liberdade, à nossa autonomia e ao nosso ser mulher no mundo. Agora também estamos lidando com a violência na internet. No debate político na internet, por exemplo, as ofensas que as mulheres sofrem são diferentes. Nas páginas das mulheres a gente vê xingamentos misóginos, xingamentos que pretendem atingir a dignidade das mulheres. Nas páginas dos homens as críticas são de outra natureza. Alguns desses ataques são realizados por robôs, mas há também muitas pessoas movidas pelo crescimento do ódio. Estamos vivendo um crescimento alarmante do machismo. A internet é um espaço em que nós estamos muito frágeis juridicamente. Ainda temos poucas informações sobre os nossos direitos nesses espaços e também ainda não temos uma legislação que dê conta de tudo o que acontece na internet. Precisamos discutir essas questões, porque o grau de misoginia nas redes sociais não pode ser naturalizado.



SEGURANÇA DIGITAL

O debate sobre segurança digital é urgente na militância. Nós somos perigosamente ingênuas na nossa vida em rede. Por um lado, nós não podemos sair das redes sociais, porque esse também é um espaço de disputa política. Por outro, se a gente se expõe demais, a gente começa a se arriscar. É importante pensar num meio termo. Mas também é importante que a gente encare a discussão sobre a segurança digital sem medo. Porque vamos continuar usando a internet. Eliminar todos os riscos é impossível, mas existem formas de diminuí-los.

Nós lidamos com o desafio de ser mulher nos espaços que a gente ocupa dentro e fora da internet. Muitas vezes fazemos o esforço de separar nossa vida pessoal da nossa vida política, como uma forma de nos resguardarmos. Com as redes sociais nossas vidas ficam mais expostas, tanto para nossos opositores como para os companheiros com quem atuamos em espaços mistos. Tem sido cada vez mais difícil ter o controle sobre com quem queremos partilhar coisas das nossas vidas particulares. Também lidamos com desafios em relação à forma como expomos nossos corpos nas redes sociais. Fotos e informações vazam facilmente e esses vazamentos acabam afetando as vidas de muitas mulheres. A nossa posição não pode ser de recriminar os nudes, a troca de fotos ou de mensagens íntimas. A gente não pode entrar num moralismo, mas precisamos discutir como trocar fotos e usar as ferramentas da internet de forma mais segura.

SEGURANÇA DOS NOSSOS DADOS

A nossa relação com a tecnologia hoje é uma relação de muita desigualdade. Quem define as regras dos espaços virtuais são os donos das empresas e, ou a gente aceita essas regras, ou a gente não pode acessar determinados serviços e determinadas plataformas. Na maior parte das vezes a gente não sabe quais são as consequências das políticas de uso dos aplicativos que a gente acessa. Muitas vezes a gente sequer lê essas regras. Mas ainda que a gente lesse, muita coisa foi feita pra ser incompreensível para as usuárias e usuários.

Uma discussão importante é sobre a política de taxa zero. O que são os serviços de política de taxa zero? São aqueles serviços que não pagamos para usar, como o WhatsApp, o Instagram, o Facebook, o Twitter, o Google, os e-mails que usamos, entre outras coisas. Como essas empresas se sustentam, se nós não pagamos para utilizar os seus serviços? Elas vendem tudo o que nós fazemos nos seus espaços. Vendem as informações o nosso comportamento, o que a

gente curte e o que a gente não curte, as coisas que a gente pesquisa, etc. Ou seja, absolutamente todas as informações que geramos ao usar essas plataformas. É por isso, por exemplo, que às vezes a gente procura algum produto e, em seguida, passamos a receber vários anúncios daquele produto. A plataforma na qual a gente buscou aquele produto vende as nossas informações para outras empresas que compram os espaços de anúncio nessas mesmas plataformas. Dessa forma, nós mesmas acabamos dando as ferramentas para que elas possam direcionar nossas compras e nossos interesses.

Hoje, nós sabemos muito pouco o que as pessoas fazem com os nossos dados. Chegou o momento de começarmos a nos apropriar das pautas de regulação de captura das nossas informações e dos direitos digitais. Caso contrário, vamos continuar numa relação de cegueira em relação às regras que os donos das tecnologias criam para controlar esses espaços.

MANIPULAÇÃO DOS NOSSOS DESEJOS

O mercado sempre manipulou os nossos desejos, a publicidade é a ferramenta que o mercado tem para fazer com que a gente deseje coisas que, na verdade, não precisamos. Agora, com a internet, essa manipulação se tornou muito mais eficaz, porque é possível rastrear o uso que fazemos da internet: os sites nos quais entramos, as coisas que curtimos. A partir daí se constrói um perfil dos nossos interesses. A propaganda que aparece para você não é a mesma que aparece para as outras pessoas. Não é à toa que quando você busca um produto na internet, logo depois vários anúncios daquele produto começam a aparecer para você. Os mecanismos de manipulação do mercado têm se tornado cada vez mais complexos. Isso interfere nas questões culturais, interfere na nossa liberdade, interfere nas nossas vidas de forma mais ampla. Nossa autonomia tem sido cada vez mais ameaçada.

FAKE NEWS

A questão do financiamento é muito séria. Passaram as eleições e nós continuamos sem saber de onde veio o dinheiro que financiou a estratégia das *fake news*. Nós temos pistas, mas não sabemos exatamente o que foi que aconteceu. Até a morte de Marielle tentaram distorcer. Estamos vivendo uma guerra virtual e um dos principais recursos da disseminação de ódio têm sido as *fake news*. É muito difícil fazer a disputa de narrativas nesses termos, porque é muito desleal. É importante que a gente fique atentas, porque às vezes nós também embarcamos nessas armadilhas e acabamos disseminando *fake news*.

APROPRIAÇÃO DAS PAUTAS POLÍTICAS PELO MERCADO

As nossas pautas também são apropriadas pelas grandes corporações. A linguagem do movimento feminista foi apropriada, a linguagem do movimento negro também. De certa forma, isso nos desestabiliza. Porque é difícil de compreender até onde estamos de fato alastrando o nosso pensamento e quando as nossas ideias começam a ser incorporadas pelo mercado e esvaziadas do seu sentido político, se tornando apenas produtos. O problema é que quando nossos ideais começam a ser incorporados, eles tomam outros caminhos. Porque os interesses do mercado não são os nossos interesses. Então o feminismo que entra na moda, por exemplo, é um feminismo muito mais individualista e de empoderamento dentro dessa ordem capitalista. É difícil fazer a disputa e levar as discussões que nos interessam para a sociedade, porque a gente tem menos espaço. Como é que a gente vai disputar com a direita se a gente não tem dinheiro para isso?

MONITORAR CONTEÚDOS DE ÓDIO NA INTERNET

Precisamos pressionar mais as empresas que gerenciam as redes sociais para excluir perfis que disseminam ódio. Liberdade de expressão não pode significar convivência com discursos opressores. Feminismo e misoginia não podem ser considerados apenas perspectivas diferentes. Um deles advoga por uma vida mais digna para todas e todos nós; o outro dissemina ódio, preconceito e opressão. Esses discursos não podem ser considerados equivalentes um com o outro e nós temos que exigir responsabilidade por parte das empresas para que esse tipo de conteúdo seja monitorado e banido. Todas as conquistas que conseguimos na mudança de postura dessas empresas foram fruto de pressão social. Precisamos exigir responsabilidade por parte dessas empresas.



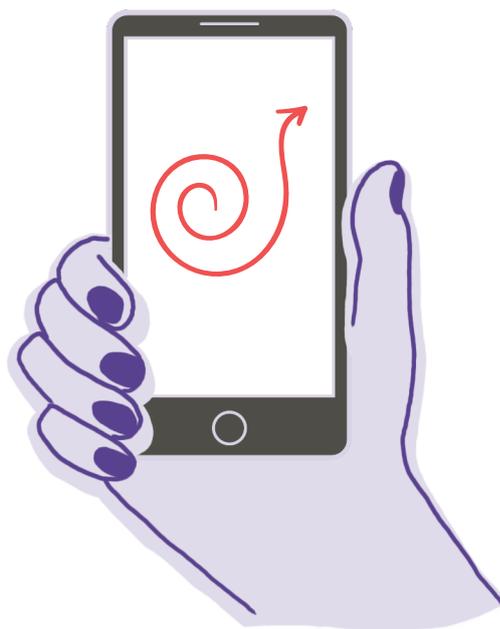
CRISE DO CAPITALISMO

Não é apenas o Brasil que está passando por uma crise. O capitalismo está passando por uma crise mundial e muito mais profunda do que as que foram vistas em outras épocas. O mundo ainda não se recuperou da crise de 2008. Estamos inclusive chegando perto de limites ecológicos desse modelo de desenvolvimento capitalista. Então é preciso pensar o cenário internacionalmente. Mesmo os países da Europa estão sentindo os efeitos dessas crises, inclusive com a ascensão do fascismo. As desigualdades se aprofundam cada vez mais e tendência é que a polarização se acentue. Porque existe um acúmulo cada vez maior e o aumento da concentração das riquezas do mundo nas mãos de poucas famílias. Isso revela as deficiências e a perversidade desse sistema.

A qualidade de vida das pessoas se torna cada vez mais precária, as condições de trabalho também estão cada vez mais precárias. Há uma crescente flexibilização das relações

trabalhistas e a resposta que tem surgido para o desemprego tem sido a “uberização” do trabalho. Estamos falando de regimes de trabalho em que as empresas não têm qualquer tipo de responsabilidade com as suas e seus funcionários. Isso coloca as trabalhadoras e os trabalhadores num lugar de vulnerabilidade muito grande.

No Brasil, vivemos um aumento alarmante do desemprego. Isso vem acompanhado da perda ou ameaça a uma série de direitos que foram conquistados. Essa precarização está muito presente na vida cotidiana das pessoas, principalmente das mulheres. Alguns elementos da crise trazem oportunidades para que possamos aprofundar o diálogo com as pessoas, porque as pessoas estão insatisfeitas. É um momento para atuarmos e dialogarmos, porque todas e todos nós estamos sentindo o impacto desse momento que estamos vivendo.



OUTRAS LEITURAS

* * *

- 1** Polarização e desinformação online no Brasil • Pablo Ortellado e Marcio Moretto Ribeiro
Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14629.pdf>
- 2** Digitalização e o futuro do trabalho • Resumo do estudo “Trabalhar 4.0”, elaborado pelo Ministério Federal de Trabalho e Assuntos Sociais da Alemanha
Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/13785.pdf>
- 3** Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista • Fernanda Shirakawa, Fernanda Monteiro e Larissa Santiago
Disponível em: <http://feminismo.org.br/guia/guia-pratica-seguranca-cfemea.pdf>
- 4** Segurança na internet: nossa batalha no campo virtual. Enfrentando a violência contra nós, mulheres, no espaço virtual • Fernanda Shirakawa, Fernanda Monteiro e Larissa Santiago
Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2017/11/MINICARTILHA-VCM-FINAL.pdf>
- 5** Celulares & Comunicações: nossa batalha no campo virtual. Enfrentando a violência contra nós, mulheres, no espaço virtual • Fernanda Shirakawa, Fernanda Monteiro, Larissa Santiago e Débora Guaraná
Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2017/11/MINICARTILHA-CELULARES-FINAL.pdf>
- 6** Manual de defesa contra a censura nas escolas
Disponível em: <http://www.manualdedefesadasescolas.org/manualdedefesa.pdf>

Diálogos feministas: ativismo na internet e coletivos online no atual contexto político

É uma publicação que sistematiza o debate de mesmo título realizado em 06/06/2019, em São Paulo.

Participantes

Anne Karolynne | Secretaria Nacional de Mulheres do PT, São Paulo
Bárbara Lopes | Blogueiras Feministas, São Paulo
Bibiana Serpa | Agora Juntas e Universidade Livre Feminista, Rio de Janeiro
Bruna Rangel | Não me Kahlo, Rio de Janeiro
Carmen Silva | SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, Recife
Charô Nunes | Blogueiras Negras, São Paulo
Deise Recoaro | pesquisadora e militante da AMB, São Paulo
Dione Silva | Juventude negra Kalunga e Cojuv CE, Fortaleza
Edjane Rodrigues | Secretária de Políticas Sociais na Contag, Maceió
Hailey Kaas | Transfeminismo, São Paulo
Katharina Hofmann | Fundação Friedrich Ebert, São Paulo
Laura Molinari | Fórum Ingriane e Campanha Nem Presa
Nem Morta por aborto, Rio de Janeiro
Liliane Brum | Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh), Rio de Janeiro
Lola Aronovich | Escreva Lola Escreva, Fortaleza
Luciana de Melo (Luba) | Secretária de Mulheres do SINDSEP-SP, São Paulo
Márcia Viana | Secretaria Estadual de Mulheres da CUT, São Paulo
Priscilla Brito | Pesquisadora em gênero, Internet e feminismo, Rio de Janeiro
Rita Pinheiro | Assessora na Secretaria de Mulheres da CUT, São Paulo
Sophia Branco | Pesquisadora em gênero e movimentos feministas na UFPE, Recife
Thayz de Athayde | Pesquisadora em gênero e doutoranda na UERJ, Rio de Janeiro
Waldeli Melleiro | Fundação Friedrich Ebert, São Paulo

Organização

Fundação Friedrich Ebert e SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia

Edição

Carmen Silva, Sophia Branco e Waldeli Melleiro

Sistematização, textos e projeto gráfico

Sophia Branco

Capa e Diagramação

Isabella Alves

São Paulo, setembro de 2019

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich Ebert Stiftung (FES) ou do SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9565-059-6



9 788595 650596